

NOTAS SOBRE O LIVRO “DE MYSTERIIS”

“Non coerceri maximo, continere minimo, divinum est”

*(Não ser limitado pelo máximo
e poder estar contido no mínimo é divino.)*

inscrição no túmulo de Ignácio de Loyola

Este livro, que desde já assume um lugar especial na minha produção, mantém a intenção de criar obras declaradamente contra o presente, baseando-se, como é evidente neste caso, em referências da mais remota antiguidade.

Em “De Mysteriis” essa opção é expressa a vários níveis que analisarei seguidamente:

- 1) – O Título – O título que escolhi para este livro não é meu. De facto, refere-se a um livro de Jâmbico, autor do Séc. V, contemporâneo de Hipátia de Alexandria a quem a minha peça é dedicada. Sendo minha intenção não aplicar neste caso o termo ‘códice’, e uma vez terminado o trabalho, conclui que, na altura de escolher um título e dadas as características visuais da obra, precisava de algo que, numa só palavra, resumisse o que aqui existe de hermético e testemunho “físico” da Antiguidade. Ao ler o ensaio de Maria Dzielska sobre Hipátia, encontrei nas notas a alusão a este livro e não hesitei. Pareceu-me de imediato adequado à aura ‘de mistério’ de que gostaria de rodear o meu trabalho (e que é comum a outras peças anteriores).
- 2) – A Dedicatória – O ensaio acima referido, sobre a vida e obra de Hipátia de Alexandria (c. de 370-415 a. C), filósofa, matemática e teóloga (áreas de que foi professora), e a última mulher a trabalhar, como intelectual, na famosa Biblioteca de Alexandria, impressionou-me e inspirou-me. O seu brutal assassinio, em 415, por um bando de cristãos, que a acusavam de heresia, ou simplesmente de ser mulher (muito bela aliás, ao que dizem), fez luz sobre os perigos da intolerância, seja ela por motivos religiosos ou políticos, ou a qualquer outro tipo de crença ou dogma que prevaleça numa dada situação. Não podia pois, deixando de lado o meu ateísmo embaciado, deixar de dedicar este livro a uma mulher tão admirável.
- 3) – O Livro – Partindo de um dispositivo visual simples e austero, divide-se em duas partes: na página da esquerda pequenos fragmentos, inventados por mim, remetem para manuscritos imaginários, dos quais retirei, supostamente, extractos de falas de “personagens” inexistentes, mas às quais atribuí um nome, dentro do que me pareceu ser o estilo de escrita dos manuscritos apócrifos da Antiguidade Clássica.

Estes fragmentos tanto remetem para a mitologia como para situações da vida quotidiana. Com excepção de dois, todos os restantes títulos de manuscritos são verdadeiros. Na página da direita temos a intervenção visual propriamente dita, na qual um pedaço de cinza cobre manchas de betume judaico, que se

assumem como vestígios ou pegadas, aludindo a alguém que ali as deixou há milénios. Sobre eles caiu, inexorável, a cinza de outros milénios a qual só dificilmente permite ver o que está por baixo. Tentei criar, assim, um 'ambiente' perdido na história, e no que a sua voracidade factual apagou, restando apenas estes fragmentos, escritos e visuais, para memória futura. A arqueologia artística dos séculos vindouros irá, eventualmente, encontrar este livro, e elaborar toda uma teia de relações cronológicas e históricas, originando, assim o espero, uma nova mitologia, baseada nestes "artefactos" que a verdadeira poeira dos próximos séculos irá encobrir.

Mantenho assim, ferozmente, o meu programa conceptual de elaborar uma arte "contemporânea", enraizada na Antiguidade, mas que se constitua, futuramente, em vestígio e nada mais que isso. Como um dia escrevi, a posteridade é perigosa, e é obrigação dos artistas de hoje lutarem contra ela, ou evitarem-na com afínco, tendo em mente que, no futuro, o que agora fazem não passará de despojos, no meio das ruínas. Desse programa conceptual faz igualmente parte a prática de uma arte pobre, não no sentido miserabilista, mas na tradição da 'Arte Povera' italiana e na senda do legado de Beuys (que sobre mim exercem ainda hoje forte influência). É esta a minha postura ética, da qual não abduco. E lamento que mais ninguém me ouça, e continue a pregar no deserto.

O Suporte – O livro original onde intervim, era uma antiga edição da Câmara Municipal de Oeiras, da qual mantive apenas a capa original, em papel de velu do vermelho, à qual acrescentei apenas uma cruz em acrílico.

- 4) - O Saco – Terminada a peça, pensei em "ocultá-la" dentro de algo que prolongasse a sua "aura" antiga. Agradeço uma vez mais a A. N. (que já me tinha oferecido o livro original), a sugestão de usar duas camadas de couro, unidas por fina estopa de linho, com o topo aberto, sem fecho, dado o facto de a parte superior do couro ser a mais bela.

O todo assim conseguido remete, de facto, para algo, simultaneamente, precioso e fétido, abandonado há milénios e supostamente encontrado nas ruínas de uma civilização há muito extinta, que terá florescido por volta do Séc. XXI, d. C.

Sinto, para terminar, que também sobre mim caíram as cinzas, provenientes sabe-se lá de onde, tendo-me ocultado para todo o sempre, deixando assim de ser, de todo, importante, sequer visível, a minha existência, bem como as pessoas e as coisas de que me rodeei, ao longo da vida. Será este o destino inexorável da humanidade, e sobre ele devemos ser humildes e abandonar o nosso, suposto, bem estar material e espiritual, pois tudo acabará deste modo. O devir das sociedades contemporâneas, submersas pela tecnologia e velocidade quotidiana, será a sua extinção natural, para dar lugar à civilização que se seguir à nossa. E nessa altura nada será importante, excepto talvez que nos extingamos sendo, até ao fim, fiéis à nossa obrigatória integridade relativamente aos valores e princípios nobres que deveriam regular a nossa existência.

José Oliveira – 27 de Junho 2010 – Cruz Quebrada.